

ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO: Uma revisão sistemática de literatura

ANDRÉ SARMENTO SPALENZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

FRANCISCO RODOLFO XAVIER RAMALHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

TATIANA APARECIDA FERREIRA DOIN

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO: Uma revisão sistemática de literatura

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o fenômeno denominado Economia do compartilhamento (EC), e através de uma revisão de literatura busca compreender os principais conceitos, definições e em qual viés, se mercadológico ou não, esse assunto é estudado. Devido a contemporaneidade do tema, que somente passa a ser publicado de forma sistemática a partir do ano de 2012 (SILVEIRA; PETRINI; DOS SANTOS, 2016) há uma dificuldade de delimitação e de conceituação para o fenômeno em questão.

A EC engloba uma série de conceitos e definições diferentes e também é um campo altamente contestado por possuir uma ampla gama de significados (ACQUIER; DAUDIGEOS; PINKSE, 2017; GRUSZKA, 2017; MARTIN, 2015). Além da dificuldade de conceituação, há também uma série de expressões que nem sempre se adequam aos significados relacionados à EC, pois vão da semelhança à ambiguidade, como "consumo colaborativo" (BOTSMAN; ROGERS 2010), "economia de acesso" (RIFKIN, 2014), "economia *mesh*" (GANSKY, 2011); "sistemas de compartilhamento comercial" (LAMBERTON; ROSE, 2012), "consumo baseado em acesso" (BARDHI; ECKHARDT, 2012), "*gig economy*" (SUNDARAJAN, 2013), "plataforma capitalista sob demanda" (COCKAYNE, 2016), etc.

Nessa proposta de artigo, entendemos que a EC é um fenômeno que surgiu a partir da disponibilização de bens ou serviços de forma compartilhada através de redes físicas ou digitais (RIFKIN, 2014). Diversos fatores podem ser apontados como propulsores deste fenômeno como, por exemplo, as crises do capitalismo, uma conscientização acerca da sustentabilidade e os avanços nas tecnologias de informação e comunicação (RAMALHO; SILVA JR, 2016; RIFKIN, 2014).

A EC é um fenômeno que se utiliza de uma infraestrutura global fornecida pela Internet das Coisas para capilarizar seu modelo de negócios ao redor do mundo (FOURNIER et al, 2015; RIFKIN, 2014). Entretanto, por ele ser relativamente novo, ainda não é possível estabelecer contrapontos sólidos a uma série de postulados como sustentabilidade, geração de renda, empregos, dentre outros, pregados por alguns autores defensores da economia do compartilhamento (MARTIN, 2016; MASELLI et al, 2016; MONTEL, 2017).

No contexto desse artigo, Silveira, Petrini e dos Santos (2016) realizaram uma revisão de literatura. O trabalho desses autores contempla principalmente aspectos como os periódicos que mais publicam sobre EC, o número de citações dos artigos publicados, a metodologia utilizada e os direcionamentos referentes a: (1) ontologia, (2) tecnologia, (3) uma opção de consumo e seus direcionadores e (4) gestão de negócios colaborativos.

O trabalho de Silveira, Petrini e dos Santos (2016) deixa então uma lacuna, no que se refere ao modo como os conceitos estão sendo trabalhados no campo da EC e em que lógica esses conceitos estão sendo utilizados, se de forma mercadológica ou não, o que significa investigar como os autores que escrevem a respeito da EC se posicionam, se tratam a EC enquanto uma mudança de perspectiva social ou como um modelo de negócio.

A lacuna deixada no trabalho de Silveira, Petrini e Santos (2016) abre espaço para o que se discute no presente artigo, que se propõe a fazer uma revisão de literatura, endereçando as seguintes questões de pesquisa: Quais as conceituações adotadas nas pesquisas sobre economia

do compartilhamento? Como se posicionam os autores que escrevem a respeito da EC até aqui em relação a inserção da mesma no contexto mercadológico ou em um contexto de mudança de perspectiva social?

No que se refere as conceituações adotadas, o presente trabalho busca entender, nos artigos que estão sendo publicados, quais são os principais autores citados como base na conceituação, definição e contextualização do que é a economia compartilhada.

A respeito da orientação das iniciativas, parte-se de Laurell e Sandström (2017), que indica iniciativas da EC transitando entre a lógica mercadológica e não mercadológica (LAURELL; SANDSTRÖM, 2017). A importância de entender a lógica com que os artigos tratam a EC justifica-se pela falta de consenso presente no campo. Ao passo que Rifkin (2014), Schor (2014), Botsman e Rogers (2011) apontam para a EC como sendo mais do que uma nova proposta de negócio, uma profunda mudança social nos padrões de consumo e de vida, Villanova (2015), Cervero *et al.* (2014), Martin (2016), Aloni (2016) apontam que a EC possui iniciativas aos moldes das de economia tradicional, e não trazem uma mudança de perspectiva, mas sim um modismo social e uma oportunidade de negócio. Isso suscita a necessidade de compreender qual tem sido o direcionamento do campo acerca das pesquisas sobre a economia do compartilhamento.

Através da análise sistemática de literatura, a pesquisa visa trazer maior clareza às discussões inerentes à economia do compartilhamento, ao identificar e categorizar as conceituações, evidenciar as semelhanças, ambiguidades e possíveis lacunas teóricas a serem preenchidas.

2. METODOLOGIA

2.1 A pesquisa na literatura

A pesquisa caracteriza-se como descritiva, englobando as abordagens quantitativa e qualitativa. Empregou-se as técnicas de pesquisa bibliométrica e a análise sistemática de literatura. Um estudo bibliométrico, segundo Hoffmann (2011), apoia a identificação das principais pesquisas que permeiam o tema e facilita o estabelecimento das fronteiras do conhecimento. O delineamento da revisão sistemática da literatura foi inspirado nos artigos de De Vries, Bekkers e Tummers (2016) e Miller, McAdam e McAdam (2016), utilizando o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA)¹.

Tal protocolo, de acordo com Moher *et al.* (2009), indica um *checklist* e fluxograma a serem seguidos a fim de garantir o rigor científico de uma análise sistemática e é amplamente utilizado em diversos campos de pesquisa, inclusive nas ciências sociais aplicadas. O protocolo utiliza um conjunto de itens baseados em evidências para relatórios em revisões sistemáticas e meta-análise (DE VRIES; BEKKERS; TUMMERS, 2016; HUURNE; RONTELTAP; BUSKENS, 2017).

O Prisma é composto de quatro etapas, sendo: identificação dos artigos por meio de blocos de palavras-chave; triagem dos artigos de acordo com as questões propostas; aplicação dos critérios

¹ O modelo de protocolo Prisma, bem como informações adicionais podem ser encontradas no website: <http://prisma-statement.org/>

de elegibilidade dos dados extraídos dos artigos; e seleção de artigos para a sumarização e análise dos dados.

A primeira etapa consistiu na escolha das bases de dados, palavras-chave, campos de busca e respectivos filtros de refinamento, bem como o período. As bases escolhidas foram a *Science Direct*, *Sage*, *Scopus* e *Springer* para a realização da busca eletrônica com foco na produção científica da área de administração, pautando-se pela abrangência, qualidade dos periódicos e revisão por pares. As palavras-chaves e os caracteres booleanos foram “*sharing economy*” OR “*collaborative economy*” OR “*gig economy*” OR “*on-demand economy*”, tendo como escopo de busca os respectivos termos no título, no resumo e nas palavras-chave dos artigos. O período da pesquisa foi de 2008 a 2018.

A opção pelas bases de dados internacionais se deu pela importância dada pelos próprios pesquisadores brasileiros a elas (MUNCK; GALLELI, 2016; SILVEIRA; PETRINI; DOS SANTOS, 2016), sendo essas utilizadas anteriormente nos respectivos trabalhos, e justificada pelos autores como sendo plataformas de maior impacto.

A segunda etapa foi a filtragem dos principais periódicos que publicaram artigos com as palavras-chave anteriormente apresentadas. A filtragem foi realizada levando em consideração os critérios de elegibilidade expostos na próxima subseção.

A terceira etapa refere-se a análise sistemática a partir da criação da base de dados servindo de repositório dos artigos publicados em periódicos das bases pesquisadas. Nessa etapa, os pesquisadores fizeram a leitura inicial do conteúdo dos artigos, classificando-os inicialmente pelas seguintes categorias definidas *à priori*: (1) publicação, (2) autor(es), (3) título, (4) ano de publicação, (5) país, (6) a problemática de pesquisa, (7) as bases teóricas, (8) o tipo de artigo (descritivo / exploratório / conceitual), (9) a abordagem metodológica e (10) as principais conclusões do estudo.

Na quarta etapa, a base foi submetida novamente à uma categorização, levando em consideração os objetivos do trabalho, que são: Quais as conceituações adotadas nas pesquisas sobre economia do compartilhamento? Qual a orientação das iniciativas de economia do compartilhamento em relação a lógica mercadológica ou não mercadológica?

Foram definidos dois eixos de análise. No primeiro, denominado as múltiplas definições da Economia do Compartilhamento, agrupa-se os principais autores utilizados como base para a definição de EC nos artigos. No presente trabalho, por terem sido adotadas as mais diferentes definições e obras para descrever a EC, considerou-se as obras que foram citadas em no mínimo 05 artigos, chegando a um total de 06 obras como as mais utilizadas. No segundo eixo, denominado a lógica dominante: mercadológica ou não mercadológica, agrupa-se todos os trabalhos a partir da lógica dominante no trabalho. Após isto, os trabalhos foram divididos a partir da lógica dominante dos mesmos com a finalidade de compreender qual o direcionamento tomado por cada um deles.

A escolha por analisar os artigos a partir da lógica predominante, mercado ou não mercado, se deu pois tal discussão é onde está inserida a economia do compartilhamento (LAURELL; SANDSTRÖM, 2017). Para efeitos deste trabalho, diz-se que um trabalho apresenta lógica mercadológica quando o mesmo busca o entendimento de uma proposta ou perspectiva de negócio levando em consideração o potencial de geração de lucro. A lógica não mercadológica,

por sua vez, indica que o viés de análise leva em consideração o impacto que determinado tipo de negócio ou atividade tem para a sociedade em termos de melhoria da qualidade de vida.

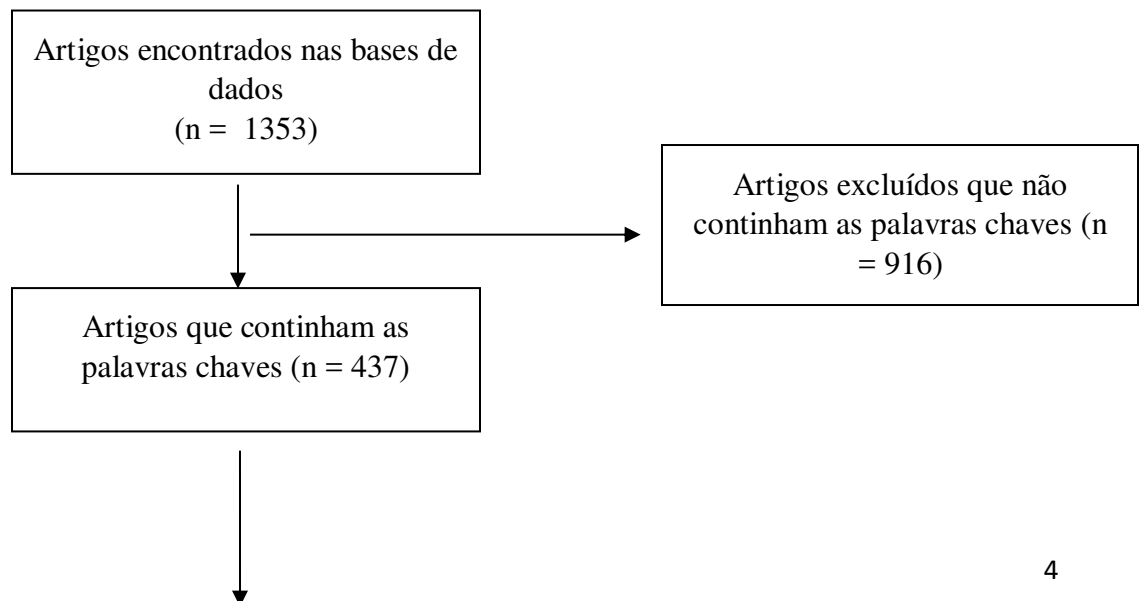
Para prosseguir a análise realizou-se a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2006) consiste no agrupamento de palavras ou ideias que se assemelham. No presente artigo realizou-se uma tabela de organização de dados, contendo as informações a respeito de cada artigo. Na tabela foi registrado os principais conceitos adotados pelos autores na definição de EC e a lógica principal observada no estudo. Após a organização dos dados, conceitos semelhantes foram relacionados, bem como as lógicas identificadas, o que permitiu uma visão geral sobre como o assunto está sendo estudado na maioria dos trabalhos.

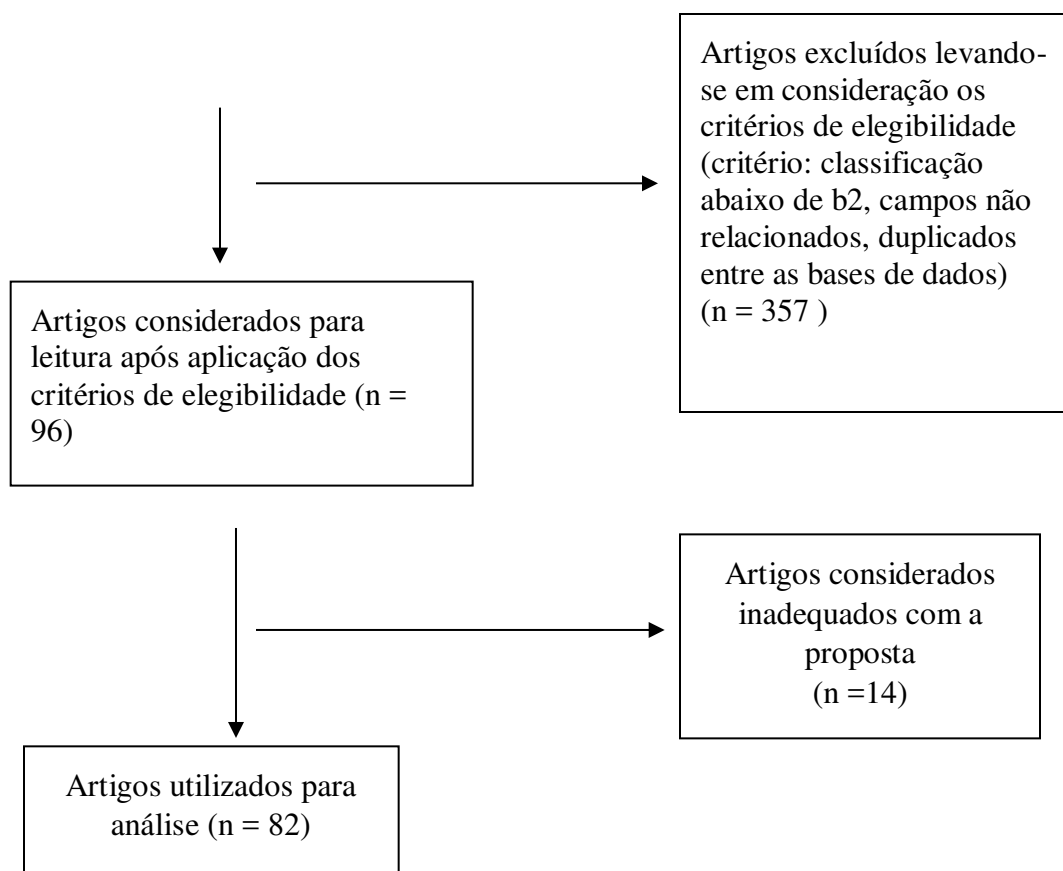
2.2 Os critérios de elegibilidade

A partir dos resultados obtidos nas bases de dados selecionadas, Science Direct, Scopus e Springer, foi definido inicialmente que apenas trabalhos publicados em revistas classificadas pelas Capes com qualis igual ou superior a B2. No entanto, após este filtro, percebeu-se que quantidade considerável de trabalhos seriam descartados. Assim, optou-se por adotar um segundo critério de elegibilidade, o do fator de impacto (*impact factor*). O fator de impacto é uma das métricas de avaliação e comparação de periódicos de nível global oferecidos pelo Journal Citation Reports (JCR).

Assim, foram considerados os trabalhos de periódicos internacionais que possuem fator de impacto igual ou superior a 1,300. Os trabalhos foram lidos e foram mantidos aqueles que traziam contribuições para a pesquisa em questão. Os demais artigos, por abordarem a EC de forma superficial ao ponto de não exporem nenhuma definição da mesma foram desconsiderados. Em todas as filtragens foram observados os trabalhos que possuíam algum foco na área de administração. Ao final destes filtros, restaram 82 trabalhos que foram considerados para as finalidades desta pesquisa.

2.3 Seleção dos Artigos





3. RESULTADOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA

Os 82 artigos encontrados foram publicados em 38 periódicos conforme indica a tabela abaixo.

Tabela 01: Periódicos

Revistas	Quantidade de artigos	Total
International Journal of Contemporary Hospitality Management; Technological Forecasting and Social Change	9	18
Journal of Business Research	7	7
Ecological Economics; International Journal of Hospitality Management	4	8
Business Horizons; Government Information Quarterly; International Journal of Consumer Studies; Journal of Business Ethics; Journal of Cleaner Production.	3	15
Annals of Tourism Research; Computers in Human Behavior; International Entrepreneurship and Management; Journal of Management Information Systems; Organization; Transport Policy	2	12

International Journal of Sustainable Transportation; International Journal of Hospitality Management; Journal of Evolutionary Economics; Journal of Services Marketing; Journal of the Association for Information Science and Technology; Natural Hazards; Organization and Environment; Organization Studies; Poetics; Public Relations Review; Research in International Business and Finance; Social Problems; Sociologia Ruralis; Technology in Society; Tourism Management; Transportation research procedia; Anatolia; Geoforum; Field Actions Science Report; Electronic Commerce Research and Applications; Creativity and Innovation Management; Common Market Law Review.

1

22

Fonte: Próprios autores (2018)

3.1. As múltiplas definições da Economia do Compartilhamento

Como aponta Silveira, Petrini e dos Santos (2016), a produção científica que trata a respeito da EC aponta para direções diversas, o que foi constatado através da leitura dos artigos investigados nesse trabalho. A maior parte dos artigos trazem conceitos relacionados a EC e relacionam esses conceitos com diversas áreas da administração e correlacionadas a essa.

A exemplo disso vemos em Mateo-Babiano, Kumar e Mejia (2017) que tratam a respeito da qualidade de vida e utilizam o exemplo de um negócio compartilhado, que é o Bicycle sharing. O artigo em questão utiliza um referencial teórico que trata a respeito de qualidade de vida e após esse referencial, como forma de contextualização, traz teorias relacionadas a EC.

Outro exemplo, semelhante ao anteriormente exposto, é o de Blal, Singal e Templin (2018), que trata a respeito da inovação e a partir daí traz o exemplo de uma organização entendida como pertencente a EC, que é o Airbnb. A partir da contextualização da organização os autores trazem conceitos relacionados a EC.

Apesar das diversas direções que os artigos tomam, ao falarem sobre EC e trazer definições e conceitos acerca do assunto, alguns autores e conceitos são repetidos com frequência. A seguir a tabela com as obras referenciadas em um maior número de artigos. Os artigos investigados utilizam, em sua maior parte, conceitos associados e pertencentes a autores diversos que tratam a respeito da EC, porém, foram identificados abaixo as obras que foram mais utilizadas na construção do referencial teórico.

Tabela 02: Obras mais referenciadas

Autores	n° artigos	Artigos
Belk (2014)	16	Lindblom; Lindblom (2017); Tussyadiah (2016); Mauri <i>et al.</i> , (2018); Benoit <i>et al.</i> (2017); Hartl; Hofmann; Kirchler (2016); Davidson; Habibi; Laroche (2018); Milanova; Maas (2017); Querbés (2017); Weber (2016); Dreyer <i>et al.</i> , (2017); Habibi; Davidson; Laroche (2017); Michelini; Principato; Iasevoli (2018); Davies et al (2017); Hong; Lee (2017); Ganapati; Reddick (2018) Chang; Wang (2018).
Botsman; Rogers (2010)	10	Chang; Wang (2018); Tussyadiah (2016); Habibi; Davidson; Laroche (2017); Bucher; Fieseler; Lutz (2016); Hamari; Sjöklint; Ukkonen (2016); Zhu; Li; Zhou (2017); Cohen; Kietzmann (2014); Aptekar (2016); Parguel; Lunardo; Benoit-Moreau (2017); Shaheen; Chan; Gaynor (2016).
Botsman; Rogers (2011)	9	Martin; Upham; Budd (2015); Kathan; Matzler; Veider (2016); Hatzopoulos; Roma (2017); Wu; Zeng; Xie (2017); Camilleri; Neuhofer (2017); Roos; Hahn (2017); Dreyer et al (2017); Ert; Fleischer; Magen (2016); Bucher; Fieseler; Lutz (2016).
belk (2010)	7	Park; Armstrong (2017); Sordi et al (2018); Wu; Zeng; Xie (2017); Davidson; Habibi; Laroche (2018); Belk (2014); Weber (2014); Jehlička; Daněk (2017)
Belk (2007)	6	Milanova; Maas (2017); Akbar; Mai; Hoffmann (2016); Belk (2014); Zhu; Li; Zhou (2017); Bucher; Fieseler; Lutz (2016); Michelini; Principato; Iasevoli (2018).
Schor (2014)	6	Martin; Upham; Budd (2015); Sordi et al (2018); Schor; Fitzmaurice; Carfagn (2016); Michelini; Principato; Iasevoli (2018); Ganapati; Reddick (2018); Parguel; Lunardo; Benoit-Moreau (2017).
Martin (2016)	5	Davies et al (2017); Sordi et al (2018); Jehlička; Daněk (2017); Dreyer et al (2017); Munoz; Cohen (2017).

Fonte: Próprios autores (2018)

As obras em questão, dentre vários aspectos, conceituam o que é a EC e no que consistem negócios compartilhados, bem como descrevem um novo padrão de consumir e comercializar bens e serviços. Nas leituras foram encontrados artigos que em sua totalidade compreendem o universo da EC através de 03 lentes principais, sendo elas: Mudança da perspectiva social (BOTSCHAN; ROGERS, 2010, 2011; SCHOR, 2014); a ideia de troca (BELK, 2014) e a tecnologia (BELK, 2007, 2010; BOTSCHAN; ROGERS, 2010, 2011; SCHOR, 2014; MARTIN, 2016).

A respeito da mudança cultural, Botsman e Rogers (2010, 2011) e também Schor (2014) apontam para uma mudança profunda nos padrões de consumo da sociedade, que tem transferido cada vez mais o consumo como migrando da posse para o acesso. Esse novo padrão é derivado das sucedidas crises do sistema capitalista, que geram desigualdade social e devastação ambiental. Os autores apontam para os negócios compartilhados como um meio mais justo e acessível de se ter acesso aos bens e serviços, que em um sistema tipicamente capitalista são restritos a pequena parcela da população.

Citando Botsman e Rogers (2010, 2011) vemos, por exemplo, no artigo de Bucher, Fieseler e Lutz (2016) em que os autores apontam para os negócios compartilhados enquanto decorrentes de uma mudança de mentalidade da população, que compartilham e disfrutam do compartilhamento, a fim de acessarem produtos e serviços de forma mais barata e fácil.

Outro exemplo encontrado é o de Parguel, Lunardo e Benoit-Moreau (2017), que citam Botsman e Rogers (2010) e também Schor (2014) para falar a respeito de uma nova perspectiva social em curso:

A economia compartilhada ou colaborativa engloba “sistemas de organizações que compartilham, trocam, emprestam, negociam, alugam, presenteiam e trocam produtos ou serviços entre comunidades ou pares. Muitos acadêmicos (BOTSCHAN; ROGERS, 2010; SCHOR, 2014) veem isso como uma terceira revolução industrial assim como a economia compartilhada conduz a um novo paradigma em termos de produção, consumo, tecnologia e também como mudanças sociais (...) (p. 48. Tradução nossa).

Outra lente de análise a respeito da EC é a ideia de troca, em que o autor mais referenciado é Belk (2014). Belk (2014) trata a EC enquanto uma alternativa de negócios encontrada em uma sociedade que valoriza cada vez mais o acesso ao invés da posse, sendo que o autor, em seu artigo diz que a expressão popular: Você é o que você tem, está sendo gradativamente substituída por: Você é o que você acessa. Tal acesso, para o autor é proiciado pela troca entre pares.

A ideia da troca vista em Belk (2014), pode ser motivada por razões monetárias ou não. Motivações monetárias implicam na disponibilização de um bem próprio colocado a disposição de outra pessoa por uma pequena taxa. As motivações não monetárias podem incluir uma troca, por outro produto de que se necessite ou apenas um compartilhamento simbólico, como conhecimento, fortalecimento de relações pessoais, dentre outros. Tais trocas são citadas, por exemplo, no artigo de Chang e Wang (2018) quando os autores falam sobre motivações que propiciam a EC e o risco envolvido nessas atividades.

Pela lente da tecnologia, o compartilhamento sempre existiu, em situações de troca entre amigos ou vizinhos, que buscavam acesso a produtos e serviços de forma mais acessível (BELK, 2007,

2010). Citando Belk (2007, 2010), Bucher, Fieseler e Lutz (2016) indicam que “Compartilhar pode criar sinergias (Belk, 2007) e aumentar a segurança semeando sementes de obrigações recíprocas (Belk, 2010)” (p. 316. Tradução nossa).

Belk (2007) trata o compartilhamento como sempre ter existido, porém, esse ganha maior proporção a partir dos avanços tecnológicos. Em Botsman e Rogers (2010, 2011), Belk (2010) e também em Schor (2014) é visto que os sistemas de compartilhamento ganham força a partir dos avanços tecnológicos que propiciam maior interação entre os pares. Tal interação, para além do comércio em si, tem propiciado uma mudança cultural que conduz a sociedade rumo ao compartilhamento.

A respeito da tecnologia propiciando o compartilhamento, vemos em Wu, Zeng e Xie (2017) que os autores utilizam o conceito de tecnologia para conceituar a EC enquanto um modelo socioeconômico propiciado pelas mídias digitais e pela facilidade de interação entre os pares, que utilizam da internet para disponibilizar bens e serviços compartilhados.

As 03 lentes de análise aqui destacadas são coextensivas, ou seja, ocupam o mesmo âmbito na concepção do possível, em que ao se adotar uma lente não necessariamente as outras são excluídas. Tal fato é observado também, quando mesmos autores, em uma mesma obra, estão enquadrados em mais de uma lente.

3.2. A lógica dominante: mercadológica ou não mercadológica?

As discussões que cercam a economia do compartilhamento têm sido dominadas por uma visão mercadológica da mesma. Ou seja, os trabalhos consideram tal fenômeno como parte da economia de mercado e não uma proposta de ruptura ou profundas alterações como propõe parte do referencial teórico (BOTSMAN; ROGERS, 2010).

Para efeito deste estudo consideramos como trabalhos orientados à uma visão mercadológica da EC aqueles que a apresentam unicamente como parte da economia de mercado, enquanto que aqueles não orientados à visão mercadológica apresentam a mesma como proposta de ruptura ou modificações em relação a lógica dominante. Assim, ao dizer que tais trabalhos possuem orientação à visão mercadológica ou não mercadológica não se propõe aqui apresentá-los de forma antagônica mas apresentá-los a partir de suas diferenças no tratamento de um mesmo fenômeno. Enquanto alguns apresentam a EC unicamente como modelo de negócios onde se inserem grandes organizações tais como Uber e Airbnb, outros a apresentam de forma mais ampla, incluindo não somente grandes negócios, mas uma diversidade de organizações e de práticas que convidam o leitor a refletir acerca da complexidade do fenômeno, reflexão que se faz ausente nos trabalhos que possuem orientação exclusivamente mercadológica. Mesmo os estudos que estabeleçam somente discussões conceituais sobre a EC foram também considerados neste segundo grupo por buscarem a melhor compreensão do fenômeno através de seus trabalhos e, não somente, a apresentação da EC como um novo fenômeno exclusivamente mercadológico.

Exposto isto, dentre o total de 82 trabalhos, 55 discutem a economia do compartilhamento sob a orientação mercadológica, 25, não mercadológica, enquanto 2 apresentam a economia do compartilhamento das duas formas.

Os 25 trabalhos que apresentam a economia do compartilhamento com orientação não mercadológica podem ser divididos em dois grupos: 1) aqueles que buscam compreender melhor

o fenômeno economia do compartilhamento; 2) aqueles que estabelecem conexões entre a economia do compartilhamento com valores não orientados para o lucro como finalidade.

Os estudos que buscam melhor compreender o fenômeno economia do compartilhamento têm, em grande parte, na sociologia econômica o referencial teórico que adensa a discussão. Tais estudos buscam problematizar o compartilhamento tal como é praticado na era digital e, mais especificamente, na economia do compartilhamento. Davidson, Habibi e LaRoche (2018), por exemplo, afirmam que há uma certa generalização nas pesquisas empíricas ao não se estabelecer as diferenças entre compartilhamento e troca, ao passo que consideram uma vastidão de iniciativas de trocas como economia do compartilhamento.

A evolução das discussões que cercam a produção científica da EC pode ser exemplificada por meio de três trabalhos de Belk (2007; 2014; 2017) apresentados anteriormente. O autor anteriormente referido foi um dos principiantes ao tratar o compartilhamento como uma forma alternativa de troca de bens tangíveis e intangíveis (BELK, 2007). Posteriormente, Belk (2014) já denomina tal fenômeno como “economia do compartilhamento” e afirma que da mesma resultam numerosa quantidade de negócios com e sem finalidade lucrativa. Exemplos do mesmo seriam *Airbnb, Zipcar, Wikiedia, YouTube, Flickr, Facebook, Freecycle e Twitter* (BELK, 2014). Já em 2017, o autor chama a atenção para o “*pseudo-sharing*”, prática na qual empresas se apropriam do vocábulo “*sharing*” e contribuem para o crescimento da confusão semântica existente no tocante ao uso do termo compartilhamento.

O segundo grupo de trabalhos que possuem orientação não mercadológica, por sua vez, aproximam a mesma a valores e conceitos não orientados ao lucro. Molz (2013), por exemplo, estabelece aproximação da economia do compartilhamento com o conceito de economia moral. Outros autores apresentam a mesma como orientada a valores e crenças diferentes dos dominantes, como em Roos e Hahn (2017), orientada à cooperação, a exemplo de Hartl, Hofmann e Kurchler (2016), como movimento que pode alterar comportamentos ou vice-versa, em Roos e Hahn (2017), como um movimento social que busca melhor qualidade de vida para seus praticantes, em Zhu, So e Hudson (2017) e Mateo-Babiano, Kumar e Meija (2017) e como um fenômeno orientado à promoção de negócios sustentáveis, como presente em Cohen e Muñoz (2015).

Tais formas de apresentar a economia do compartilhamento se aproximam da visão inicial que se teve do fenômeno em questão, como um movimento que poderia provocar profundas alterações no seio do capitalismo ou até mesmo como um modelo econômico com a capacidade de substituir o vigente (RIFKIN, 2014; GANSKY, 2010; TAPSCOTT; WILLIAMS, 2006). Tais visões são adensadas pelas previsões de esgotamento do capitalismo (PIQUERAS, 2015; CANTERA; VAQUERO, 2012).

Assim, neste momento de esgotamento, as promessas de sustentabilidade, de geração de renda, da formação de uma sociedade mais consciente e colaborativa baseada no compartilhamento e não mais na competição e no individualismo pareciam muito atraentes (CANTERA; VAQUERO, 2012; CORNELLA, 2012; GANSKY, 2010; RIFKIN, 2014; TAPSCOTT; WILLIAMS, 2006). Entretanto, enquanto uma parte dos trabalhos apresenta a mesma sob esta ótica de proposta de mudanças, outra parte dos estudos apresentam a mesma distante de tais ideais.

Este distanciamento da economia do compartilhamento do que se esperava da mesma pode ser identificado na literatura analisada neste trabalho. Como exposto anteriormente, do total de 82

trabalhos, 55 discutem a mesma sob a lógica mercadológica. Esses trabalhos entendem o fenômeno em questão como um contexto para a criação de negócios.

São exemplos de trabalhos que se alinham a tal entendimento da economia do compartilhamento os estudos de Chang e Wang (2018), Hong e Lee (2017), Ribeiro-Soriano e Zeng (2018) e Olya *et al* (2018) que consideram a economia do compartilhamento unicamente um modelo de negócios; os de Huarng (2018) e Weber (2016) que tratam da mesma como uma forma de reduzir custos; e ainda aqueles que trazem faces mais específicas da gestão de negócios compartilhados que vão desde a precificação de serviços, como o de Weber (2016), até a falta de privacidade, segurança e regulamentação desses serviços, como o de Etzioni (2017).

Tais negócios têm na internet a infraestrutura necessária para crescerem e no compartilhamento de bens e serviços o seu foco (CHASE, 2015). Seu alinhamento ao capitalismo revela a economia do compartilhamento como um contexto no qual negócios impulsionados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) podem crescer e rapidamente disseminar suas práticas. Wittel (2011) fala em compartilhamento em larga escala ao se referir à forma que o compartilhamento tomou na era digital.

Como John (2013a, 2013b) demonstra, os sites da internet são permeados por referências ao compartilhamento e o termo é usado de maneira cada vez mais abrangente. *Facebook, YouTube, Flickr, Instagram, Twitter, wikis, Tumblr, Amazon, Yelp* e muitos outros sites nos convidam não apenas a clicar em um botão “*share*” para chamar a atenção para o conteúdo de nossos amigos e outros, mas também para “compartilhe suas fotos”, “compartilhe suas opiniões”, “compartilhe seus vídeos”, “compartilhe suas ideias”, “compartilhe websites interessantes”, “compartilhe a experiência” e “compartilhe o amor” (JOHN, 2013a).

Entretanto, para Wittel (2011), tais conotações de compartilhamento, apresentadas, sobretudo, após a popularização do uso do termo na Internet, devem ser encaradas com cautela. Acerca disso, Belk (2017) chama de pseudo-compartilhamento as práticas de negócios que mascaram suas atividades de compartilhamento. Ainda que beneficiem todos os lados em suas trocas e que sejam organizações sustentáveis, não promovem compartilhamento. Conforme pode ser visto nas discussões de Belk (2007; 2014; 2017), a evolução nos estudos da economia do compartilhamento sugere a necessidade de uma visão mais crítica sobre o fenômeno que busque questionar tanto o uso do termo “compartilhamento” quanto a diversidade de práticas que são inseridas sob o mesmo guarda-chuva da economia do compartilhamento (ACQUIER; DAUDIGEOS; PINKSE, 2017).

Tal crítica é adensada por Murillo, Buckland e Val (2017) ao expor a dificuldade de se aderir à visão inicial de uma economia do compartilhamento socialmente orientada sem que se analise as controvérsias que surgem dela. Para Schor *et al.*, (2016), embora haja boas intenções dos participantes e novos arranjos econômicos que se diferenciam da lógica dominante, as práticas desenvolvidas na economia do compartilhamento apresentem muitas das mesmas desigualdades presentes na lógica dominante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou responder às questões que se colocam como fundamentais para melhor se compreender um fenômeno emergente, o da economia do compartilhamento, que dizem respeito à forma como a mesma tem sido tratada pela literatura até aqui por meio das

definições adotadas e da lógica segundo a mesma é apresentada. Para responder às questões propostas, o estudo adotou o protocolo PRISMA (MOHER et al, 2009), por ser amplamente utilizado em diversos campos de pesquisa, inclusive nas ciências sociais aplicadas (DE VRIES; BEKKERS; TUMMERS, 2016; HUURNE; RONTELTAP; BUSKENS, 2017).

O trabalho apresenta os conceitos mais utilizados na economia do compartilhamento, a saber os presentes em Belk (2014; 2010; 2007) e em Botsman e Rogers (2011;2010), e as lógicas segundo as quais a mesma tem sido apresentada pela literatura até aqui, sendo a mercadológica predominante.

Belk (2014; 2010; 2007) e Botsman e Rogers (2011; 2010) parecem seguir a mesma direção em suas discussões conceituais acerca da economia do compartilhamento. Tais autores parecem ir além da orientação exclusivamente mercadológica do fenômeno por meio de suas definições quando atribuem ao mesmo motivações também não monetárias, como conhecimento e fortalecimento de relações pessoais (BELK, 2014). Além disso, tais autores apresentam uma visão de uma economia do compartilhamento capaz de provocar profundas alterações na ordem econômica vigente, como uma terceira revolução industrial, um novo paradigma em termos de produção, consumo, tecnologia e mudanças sociais (BOTSMAN; ROGERS, 2010; BELK, 2014).

Os autores anteriormente citados são os mais citados nos referenciais teóricos que tratam a respeito da economia do compartilhamento. Muito embora apresentem uma visão da economia do compartilhamento como proposta de mudanças, os mesmos são utilizados por trabalhos que possuem visões predominantemente mercadológicas, conforme exposto anteriormente. A literatura, até aqui, utiliza tais autores para tratar tal fenômeno como um modelo de negócios inserido no contexto mercadológico, o que se apresenta como contraditório a partir do que expõe as definições dos referidos autores.

Assim, nossa contribuição se constituiu em revelar a forma contraditória como o referencial teórico seminal tem sido abordado por boa parte dos trabalhos que os referenciam. A confusão em relação ao uso do termo, já previsto por Belk (2017), bem como o fato de ser este fenômeno ainda emergente, inclusive na literatura, acaba por provocar urgência por publicações e estudos científicos. Tal urgência parece causar a acentuação da confusão no emprego da expressão “economia do compartilhamento”.

Há a necessidade por estudos que tenham a finalidade de melhor compreender o fenômeno por meio da redução das contradições existentes entre seu campo de práticas e o que a literatura aponta. Estudos futuros poderiam analisar a adequação ou não das práticas de grandes organizações inseridas no contexto da economia do compartilhamento, tais como *Uber* e *Airbnb*, a partir dos conceitos adotados com maior frequência até aqui, a saber, Belk (2014; 2010; 2007) e Botsman e Rogers (2010; 2011). Os mesmos estudos poderiam também apresentar iniciativas de menor porte ante as gigantes anteriormente citadas, com a finalidade de discutir a adequação destas no fenômeno aqui discutido e estabelecer um exercício analítico em relação a inserção destas gigantes no contexto da economia do compartilhamento.

REFERÊNCIAS

- ACQUIER, A.; DAUDIGEOS, T.; PINKSE, J. Promises and paradoxes of the sharing economy : An organizing framework. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 125, p. 1–10, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2006.
- BELK, R. Why not share rather than own?. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 611, n. 1, p. 126-140, 2007.
- BELK R. Sharing. **Journal of Consumer Research** 36: 715–734. 2010.
- BELK, R. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. **Journal of business research**, v. 67, n. 8, p. 1595-1600, 2014.
- BELK, R. Sharing versus pseudo-sharing in Web 2.0. **The Anthropologist**, 18:1, p. 7-23, 2017.
- BLAL, I; SINGAL, M; TEMPLIN, J. Airbnb's effect on hotel sales growth. **International Journal of Hospitality Management**, v. 73, p. 85-92, 2018.
- BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **What's Mine is Yours: The Rise of Collaborative Consumption**. Harper Business, New York. 2011.
- BOTSMAN, R.; ROGERS, R. Beyond zipcar: Collaborative consumption", **Harvard Business Review**, Vol. 88 No. 10, pp. 30. 2010.
- BUCHER, E; FIESELER, C; LUTZ, C. What's mine is yours (for a nominal fee)–Exploring the spectrum of utilitarian to altruistic motives for Internet-mediated sharing. **Computers in Human Behavior**, v. 62, p. 316-326, 2016.
- CANTERA, J.; VAQUERO, P. **Networknomics: um nuevo paradigma de creación de valor em la economía de la creatividad, la conectividade y la colaboración**. Seattle: Space Independent Publishing Platform, 2012.
- CHANG, W; WANG, J. Mine is yours? Using sentiment analysis to explore the degree of risk in the sharing economy. **Electronic Commerce Research and Applications**, v. 28, p. 141-158, 2018.
- CHASE, R. **Economia compartilhada: como pessoas e plataformas da Peers Inc. estão reinventando o capitalismo**. São Paulo: Ed. HSM, 2015.
- COHEN, B; MUÑOZ, P. Sharing cities and sustainable consumption and production: towards na integrated framework. **Journal of Cleaner Production**, p. 1-11, 2015.
- CORNELLA, A. **La solucion empieza por Co-: hacia la sociedade y la economia de la colaboración**. Barcelona: Infonomia, 2012.
- DAVIDSON, A; HABIBI, M.R; LAROCHE, M. Materialism and the sharing economy: a cross-cultural study of American and Indian consumers. **Journal of Business Research**, 82, p. 364-372, 2018.
- DAVIES, A. et al. Making visible: Interrogating the performance of food sharing across 100 urban areas. **Geoforum**, v. 86, p. 136-149, 2017.
- DE VRIES, H.; BEKKERS, V.; TUMMERS, L. Innovation in the public sector: A systematic review and future research agenda. **Public Administration**, v. 94, n. 1, p. 146–166, 2016.

- ETZIONI, A. Cyber trust. **Journal of Business Ethics**, 2017.
- GANSKY, L. **The Mesh: why the future of business is sharing**. New York: Penguin, 2010.
- _____. **Mesh: porque o futuro dos negócios é compartilhar**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.
- GRUSZKA, K. Environmental Innovation and Societal Transitions Framing the collaborative economy — Voices of contestation. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 92–104, 2017.
- HARTL, B; HOFMANN, E; KIRCHLER, E. Do we need rules for “what’s mine is yours”? Governance in collaborative consumption communities. **Journal of Business Research**, 69, p.2756-2763, 2016.
- HONG, S; LEE, S. Adaptive governance and decentralization: evidence from regulation of the sharing economy in multi-level governance. **Government Information Quarterly**, 35, 2, p. 299-305, 2017.
- HUARNG, K. Entrepreneurship for long-term care in sharing economy. **International Entrepreneurship Management Journal**, 2017.
- JEHLIČKA, P; DANĚK, P. Rendering the Actually Existing Sharing Economy Visible: Home-Grown Food and the Pleasure of Sharing. **Sociologia Ruralis**, v. 57, n. 3, p. 274-296, 2017.
- JOHN, N.A. Sharing and web 2.0: the emergence of a keyword. **New Media and Society**, 15(2), 167-182, 2013a.
- JOHN, N.A. The social logics of sharing. **The communication Review**, 16:3, 113-131, 2013b.
- LAURELL, C.; SANDSTRÖM, C. The sharing economy in social media : Analyzing tensions between market and non-market logics. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 125, p. 58–65, 2017.
- MARTIN, C. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism?. **Ecological Economics**, v. 121, p. 149-159, 2016.
- MATEO-BABIANO, I; KUMAR, S; MEJIA, A. Bicycle sharing in Asia: a stakeholder perception and possible futures. **Transportation research procedia**, v. 25, p. 4966-4978, 2017.
- MOHER, D. et al. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses : The PRISMA Statement. **PLoS Medicine**, v. 6, n. 7, p. 1–6, 2009.
- MUNCK, L; GALLELI, B. Avanços e desafios da conceituação e operacionalização das competências organizacionais em 15 anos de produção científica internacional. **Revista de Gestão**, 22 (4). pp. 525-544, 2016.
- MURILLO, D.; BUCKLAND, H.; VAL, E. When the sharing economy becomes neoliberalism on steroids: unravelling the controversies. **Technological Forecasting and Social Change**, 2017.
- OLYA, H.G.T.; GAZI, Z.A.; AKSAL, F.A.; ALTINAY, M. Behavioral intentions of disabled tourists for the use of peer-to-peer accommodations: an application of fsQCA. **International Journal of Contemporary, Hospitality Management**, 2017.

- PARGUEL, B; LUNARDO, R; BENOIT-MOREAU, F. Sustainability of the sharing economy in question: When second-hand peer-to-peer platforms stimulate indulgent consumption. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 125, p. 48-57, 2017.
- PIQUERAS, A. **Capitalismo mutante: crisis y lucha social en un Sistema en degeneración**. Barcelona: Icaria Editorial, 2015.
- RIBEIRO-SORIANO, D. ZENG, J. Some issues in recent entrepreneurship approaches: joining previous and current theories. **International Entrepreneurship and Management Journal**, 14, 1, p. 1-4, 2018.
- RIFKIN, J. **The zero marginal cost society: the zero marginal cost society**. 1. ed. New York: Palgrave Mcmillan, 2014.
- ROOS, D. HAHN, R. Understanding collaborative consumption: an extension of Theory of Planned Behavior with value-based personal norms. **Journal of Business Ethics**, 2017a.
- SCHOR, J. **Born to buy: The commercialized child and the new consumer cult**. Simon and Schuster, 2014.
- SCHOR, J.B.; FITZMAURICE, C; CARFAGNA, L.B.; ATTWOOD-CHARLES, W.; POTEAT, E.D. Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy. **Poetics**, 54, p. 66-81, 2016.
- SILVEIRA, L; PETRINI, M; DOS SANTOS. Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando?. **REGE-Revista de Gestão**, v. 23, n. 4, p. 298-305, 2016.
- TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A.D. **Wikinomics: how mass collaboration changes everything**. New York: Portfolio, 2006.
- WEBER, T.A. Product pricing in a peer-to-peer economy. **Journal of Management Information Systems**, 2016.
- WITTEL, A. Qualities of sharing and their transformation in the digital age. **International Review of Information Ethics**, 15: 3-8, 2011.
- WU, J; ZENG, M; XIE, K. Chinese travelers' behavioral intentions toward room-sharing platforms: The influence of motivations, perceived trust, and past experience. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 29, n. 10, p. 2688-2707, 2017.
- ZHU, G.; SO, K.K.F.; HUDSON, S. Inside the sharing economy: understanding consumer motivations behind the adoption of mobile applications. **International Journal of Contemporary Hospital Management**, 2017.